

NOVAS FERRAMENTAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: USOS E MÉTODOS DA HISTÓRIA ORAL EM SALA DE AULA

Fabício dos Santos Leite ¹
Roseane Gico Beserra Almeida ²
Maria do Socorro Oliveira de Alencar ³

RESUMO

Os currículos escolares e o próprio trabalho em sala de aula têm procurado acompanhar o desenvolvimento dos estudos históricos nas universidades. A velha História de fatos e nomes já foi substituída pela História Social e Cultural, os estudos das mentalidades e representações estão sendo incorporados; pessoas comuns já são reconhecidas como sujeitos históricos e o cotidiano está presente nas aulas e o etnocentrismo vem sendo abandonado em favor de uma visão mais pluralista. Assim, um dos objetivos do ensino de História consiste em fazer o aluno e a aluna ver-se como partícipe do processo histórico. Sendo assim, levá-lo(la) a entender que sua história individual resulta de um movimento processual e, de outro a compreender que também ele/ela faz a história. Destarte, traçaremos neste artigo à articulação entre Ensino de História e as metodologias da História Oral, servindo como um aporte para que os docentes em sala de aula – ou pesquisadores e pesquisadoras no geral – possam compreender, analisar e ampliar suas aulas e/ou pesquisas no campo educacional, enfatizando a sala de aula e o uso das oralidades, trazendo para o espaço escolar narrativas e novas cosmovisões. Trata-se de uma pesquisa documental de caráter bibliográfico e observacional, e diante disto, esperamos que com a leitura destas linhas, possamos contribuir para potencializar a formação e compreensão do quão amplo pode ser essa nova abordagem no espaço escolar e inovar na concepção do discente como agente ativo e sujeito histórico participante.

Palavras-chave: Ensino de História, História Oral, Educação, Sala de Aula.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a discussão acerca dos problemas metodológicos da História Oral despertou pouco interesse entre os historiadores. Isso é explicado, em grande parte pela resistência em incorporar ao seu universo de pesquisa a possibilidade do uso de fontes orais. Tal desinteresse e desconfiança resultam, por sua vez, em formas tradicionalistas de conceber a História e a validade de suas fontes.

Se essa era a postura dos profissionais da História, nem por isso o interesse pelos relatos orais que, aliás, estiveram na origem da historiografia clássica, desapareceu

¹ Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAVENI – SP. Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas IFAL – AL. fabriciodoangico@gmail.com.

² Graduada em Letras da Universidade de Pernambuco UPE- Garanhuns – PE. Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAVENI – SP. roseanegicoalmeida@gmail.com.

³ Graduada em Letras da Universidade de Pernambuco UPE- Garanhuns – PE. socalencar@hotmail.com.

completamente. No século XX, o desenvolvimento tecnológico abriu a possibilidade da coleta de depoimentos pessoais mediante a utilização de um gravador. Foi o jornalista norte-americano Allan Nevins que, na década de 1940, desenvolveu um programa de entrevistas voltado para a recuperação de informações sobre os grupos dominantes nos Estados Unidos. Esse programa veio a constituir o *Columbia Oral History Office*, organismo que serviu de modelo para outros centros criados nos anos 1950 em bibliotecas e arquivos do país (Ferreira; Franco, 2009).

Sendo assim, esse primeiro ciclo de expansão do que se chamou de História Oral privilegiou o estudo das elites e a ela se atribuiu a tarefa de preencher as lacunas do registro escrito através da formação de arquivos com fitas transcritas.

Em nossas pesquisas, detectamos três linhas de trabalho dentro da História Oral, e de antemão reforçamos que, embora não sejam excludentes e estejam entrecruzadas em muitos casos, revelam abordagens distintas. A primeira delas utiliza a denominação “História Oral” e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas (Alberti, 2003).

Uma segunda abordagem no campo da História oral é aquela que privilegia o estudo das representações e atribuiu um papel central às relações entre memória e História, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado (Amado; Ferreira, 2006).

Por fim, uma terceira abordagem trabalha com História Oral como um instrumento de intervenção social voltada especialmente para a recuperação de trajetória de segmentos excluídos e marginalizados (Meihy; Holanda, 2014) ou para registrar memórias de grupos impactados por grandes traumas como guerras, genocídios e massacres (Ferreira, 1998). Nesses casos, os depoimentos orais, inseridos em grandes programas intitulados “projetos testemunhais”, são encarados como dever de memória, destinados a recompensar perdas morais e materiais das vítimas.

Ainda nesta linha, a História Oral é concebida como um meio para a (re)construção de identidades e de transformação social e os usos do conceito de memória coletiva não evidenciam uma discussão mais aprofundada sobre as implicações da noção de memória, aqui exemplificamos, por exemplo, as comunidades quilombolas.

Destarte, trazendo a discussão da História Oral para o campo da educação/sala de aula, pensamos que ultrapassar os muros da escola significaria dar um passo em direção a realidade, tornando significativo aquilo que se aprende, ao se conseguir relacionar os conteúdos ensinados ao cotidiano vivido.

Ressaltamos que um ponto importante no ensino de História concerne à articulação da história individual do aluno e da aluna com a história coletiva de grupos, classes e sociedades. Como todos os homens e todas as mulheres são determinadas pela história vivida, todos(as) são sujeitos(as) da própria história, e isso equivale a entender que a história é feita por todos(as).

Assim, um dos objetivos do ensino de História consiste em fazer o discente se ver como partícipe do processo histórico. Esta compreensão, de um lado, deve levá-lo a entender que sua história individual resulta de um movimento processual e, de outro, a compreender que também ele faz a história. A opção pelo trabalho com a oralidade no ensino da História precisa considerar que a reflexão acompanha todo o processo, e não ocorre somente a posteriori. Ademais, é necessário entender que o trabalho com a oralidade consiste numa fonte diferenciada para a captação de informações, a qual está muito relacionada com o estudo da história local.

É através da percepção de suas experiências de vida que o aluno e a aluna pode incorporar com maior propriedade os saberes escolares de forma crítica e contínua (Brodbeck, 2012), melhorando assim sua compreensão do mundo e ampliando sua ação e interação social. Logo, o objetivo deste artigo é traçar à articulação entre as metodologias da História Oral e o Ensino de História, partilhando experiências, vivências e resistências em sala de aula; e que possa servir como um aporte para que os docentes em sala de aula, pesquisadores e pesquisadoras, leitores e leitoras no geral, possam compreender, analisar e ampliar suas aulas e/ou pesquisas no campo educacional, enfatizando a sala de aula e o uso das oralidades.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

A História Oral é um processo metodológico que coleta dados através das narrativas que serão investigadas como objeto de um determinado acontecido que possa estar presente na sociedade. Seus estudos nos campos das ciências sociais mostram a sua flexibilidade a partir de vários âmbitos e como a historiografia apoia-se nos fatos para construir e arquitetar suas informações e assim, eternizar os relatos.

Sendo um recurso utilizado há muito tempo e em diversas pesquisas, prova-se que existe uma efetiva aceitação entre pesquisadores em seus trabalhos, obtendo dados que são transportados pelas memórias. Apesar de serem diferentes, a História Oral e memória sempre estão em conjunto, porque através das lembranças, elas serão reverberadas por

meio da oralidade e cabe ao pesquisador fazer sua coleta através do processo teórico-metodológico da história oral.

Existe a preocupação da busca de uma essência do indivíduo, já que a memória perpassa nas lembranças e elas são subjetivas, mas sempre são moldadas a partir dos sistemas sociais. Não podemos julgar as memórias apenas como fatos que são lembrados ou depósitos de dados, mas sim como elemento constituinte da sociedade que forma a historicidade que são amplamente compartilhadas. A partir dos meios citados, o papel da História Oral é representar descrições e relatos em realidade, mas que está ligada a subjetividade e percepção de cada ser humano, moldando a partir de outras fontes históricas para entender suas semelhanças e diferenças e assim, construir fatos mais concretos.

A metodologia da História Oral surge a partir da necessidade de relatar aprendizados, experiências e vivências que tenham valor significativo com o objetivo de acrescentar no nosso presente ou futuro, levando em consideração que os dias atuais são resultados do nosso passado, buscando entender os acontecimentos históricos para além da subjetividade.

Logo, entender como se construiu, constrói e se mantém as memórias é um elemento importante da História Oral, desta forma, entendendo o passado e a tornando como fato objetivo.

É necessário entendermos questões entre a diferença e a igualdade a partir da subjetividade que são importantes veículos para chamar a atenção do pesquisador para motivá-lo e encontrar outras vertentes que dialogam ou não, sendo a diferença elemento que ajuda a valorizar e compreender quem são opostos aos outros.

Um dos pontos relevantes sobre a metodologia da História Oral está baseado nas fontes confiáveis ou não. Pode-se haver diversas conversões sobre narrativas colhidas por pesquisadores e também contestação. Joutard (1999) rebate críticas a esse respeito afirmando que o que é verdadeiro para um indivíduo é com maior razão para uma coletividade, cuja capacidade para elaborar sua história oficial é muito forte.

Muitos críticos citam que o positivismo limitou os pesquisadores para apenas distinguirem o falso e o verdadeiro, sem considerar outras vertentes que ainda assim podem ser consideráveis e importantes para a pesquisa.

A preocupação com a utilização do método em História Oral é notória e o uso da subjetividade sempre estará presente nas narrativas. Como se trata de pesquisa qualitativa, os dados poderão ser falhos e apresentar alteração nos resultados. Desta maneira, o

pesquisador deve ter muito cuidado ao usar a fonte oral, assim como com todas as fontes. Deve primeiro submetê-la a uma minuciosa reflexão crítica e metodológica. Também precisa possuir um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem o uso da fonte oral, de forma a explicitar suas posições e opções metodológicas na trajetória de pesquisa, armando-se de suporte teórico referente ao fenômeno estudado (Matos; Senna, 2011).

Sobre as entrevistas, para a sua elaboração, é necessário que o entrevistador tenha os critérios de inclusão e exclusão acerca do seu objeto de pesquisa, pois, desta forma, seu objetivo será traçado a partir do grupo ou indivíduo selecionado para a problemática da pesquisa. A seguir, surge um roteiro de entrevista a partir das modalidades que foram desenvolvidas na “Oficina: Como Realizar Entrevista/ História Oral” (2019)⁴ para entendermos alguns procedimentos importantes para a construção de entrevista baseada na metodologia História Oral.

1. ENTREVISTAS E MODALIDADES DE HISTÓRIA ORAL

1.1. Modalidades de História Oral

- História Oral de Vida
- História Oral Temática
- Tradição Oral

1.2. Tempos distintos:

- o da gravação;
- o da confecção do documento escrito e sua eventual análise.

2. PROCEDIMENTOS:

2.1. Técnica empregada na captação dos depoimentos

- registro da informação,
- transcrição de fontes,
- constituição arquivo.

2.2. Procedimentos

- O local e horário são definidos pelo entrevistado.
- O pesquisador define o tema.
- O pesquisador dirige a entrevista através de um roteiro previamente estabelecido.
- Evitar locais públicos.
- O entrevistado reconstitui o período vivido mentalmente.
- Se possível obter o auxílio de documentação como fotos e cartas antigas.

⁴ Ver mais em: http://www.ufvjm.edu.br/cursos/component/docman/doc_view/14-oficina-como-realizar-entrevistahistoria-oral.html. Acesso em 10 de setembro de 2024.

- Não prosseguir se o entrevistado estiver cansado.
- Marque novo dia para a entrevista.
- Uma pergunta de cada vez;
- Evitar questionamentos duplos;
- Evitar interrupções;
- Não discordar do narrador;
- Não induzir as respostas, nem complementá-las.

2.3. História Oral como método

Coleta de depoimentos:

1º - Elaboração da pergunta

- Elabore as primeiras perguntas de modo a possibilitar confiança, fluir conversa e que sejam mais facilmente respondidas.
- Elabore questões que permitam aprofundar o tema escolhido para a entrevista (ou tradição oral ou sobre a vida da pessoa)
- As perguntas sempre serão flexíveis, e no momento da entrevista, você poder refazê-las, se necessário for. Sendo assim, as perguntas elaboradas anteriormente pelo entrevistador são apenas um guia.

2º - Escolha dos depoentes

- Idade, lucidez, representatividade de diferentes segmentos sociais.
- História de vida: entrevista principal que ocorre paralela a outros depoimentos
- História temática e tradição oral: escolher diferentes pessoas de modo a adquirir diversos depoimentos sobre a temática em questão.

3º - Processo de negociação de condições

- Gravar, Fotografar, Filmagem.
- Horários, datas e locais mais adequados para o depoente.

4º - Realizar as Entrevistas

Tratamento de informação:

5º - “Transcrição” (literal)

6º - “Transcrição”

7º - “Legitimação e conferência”

8º - Assinatura de uma carta de cessão dos direitos de uso do depoimento.

Metodologia de Ensino-Aprendizagem em História e Oralidades

O trabalho com História em sala de aula é uma construção coletiva e se faz com base no saber aceito como legítimo pela comunidade de historiadores(as). Antes de tudo, porém, é preciso considerar que esse saber acadêmico não deve ser confundido com o conhecimento histórico. Para a construção do conhecimento em sala de aula, a

historiadora Margarida Maria Dias de Oliveira propõe que sejam dados os seguintes passo:

1. elege-se uma problemática (tema, período histórico);
2. tem-se o tempo como categoria principal (como o assunto em estudo foi enfrentado por outras sociedades);
3. dialoga-se com o tempo por meio das fontes (utiliza-se o livro didático, mapas, imagens, músicas [...]);
4. utilizam-se instrumentos teóricos e metodológicos (conceitos, formas de proceder);
5. constrói-se uma narrativa/interpretação/análise (pede-se um texto, um debate, uma peça teatral, uma redação, uma prova) (Oliveira, 2010, p. 11).

Em outras palavras, seleciona-se o tema e o transforma-o em problema por meio de um conjunto de questões. Estuda-se, então, o passado para entrar em contato com as experiências dos seres humanos de outros tempos no enfrentamento desse problema e retorna-se ao presente.

Sendo assim, vivemos hoje imersos em um presente contínuo – presenteísmo, que tende a tornar-se invisíveis as relações entre a nossa experiência presente e o passado público. Vivemos também em um universo mediado por imagens, no qual uma avalanche de personagens fatos e processos chegam até nós por meio das representações que deles são produzidas. Por isso, e cada vez mais, “substituímos nossas experiências pelas representações dessas experiências” (Saliba, 2006, p. 117).

Ademais, a consciência de que o passado se perpetua no presente é fundamental para o nosso sentido de identidade. Saber o que fomos ajuda-nos a compreender o que somos, pois, o diálogo com outros tempos aumenta a nossa compreensão do tempo presente. Como observou um estudioso ao dizer que o passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação, conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já os experimentamos (Lowenthal, 1998).

Quanto ao modo de abordar o passado, consideremos importante evitar o anacronismo e seguindo a recomendação de Georges Duby, lembrar que, para conhecer uma determinada sociedade do passado, é importante colocarmo-nos na pele das pessoas que, viveram naqueles tempos. Essa postura, sugerida por ele na abordagem do medievo ocidental, é, nosso ver uma postura útil no trabalho com qualquer sociedade humana, independentemente de tempo ou lugar.

À vista disto, ao tomar a experiência histórica de sujeitos ou grupos específicos ligados a um tempo e espaço, podemos evidenciar as relações que estes trazem do passado

e reelaboram no presente. Paralelamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontam também que os temas transversais são definidos como questões de relevância social e que não devem ser abordados ou resolvidos a partir de uma única disciplina. Ou seja, para compreender e procurar soluções para os problemas abordados nos temas transversais é preciso que se faça uma abordagem interdisciplinar⁵, caso contrário, corre-se o risco da simplificação excessiva.

Desse modo, ainda atendendo às orientações do Ministério da Educação (MEC) para o Ensino Fundamental, é essencial que os estudos históricos estejam articulados com os temas transversais, enfatizando:

- as relações de trabalho existentes entre os indivíduos e as classes, por meio do conhecimento sobre como se processam as produções, as comercializações e a distribuição de bens, as desigualdades sociais, as transformações das técnicas e das tecnologias e a apropriação ou a desapropriação dos meios de produção pelos trabalhadores;
- as diferenças culturais, étnicas, de idade, religião, costumes, gêneros, sistemas econômicos e políticos;
- as lutas e as conquistas políticas, travadas por indivíduos, por classes e movimentos sociais;
- as relações entre os homens e a natureza, numa dimensão individual e coletiva, contemporânea e histórica, envolvendo discernimento quanto às formas de dominação e preservação da fauna, flora e recursos naturais;
- reflexões sobre a constituição da cidadania, em diferentes sociedades e tempos, relacionados à saúde, à higiene, às concepções sobre a vida e a morte, às doenças endêmicas e epidêmicas e as drogas;
- as imagens e os valores em relação ao corpo, relacionados à história da sexualidade, dos tabus coletivos, da organização das famílias, da educação sexual e da distribuição de papéis entre os gêneros nas diferentes sociedades historicamente constituídas;
- os acordos ou desacordos que favorecem ou desfavorecem convivências humanas mais igualitárias e pacíficas que podem auxiliar no respeito à paz, à vida e a à concepção e prática da alteridade (PCN. História. 1998, p. 48).

Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais propõem a discussão de temas transversais, tais como: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e trabalho e consumo, que devem ser trabalhados de forma que envolvam as demais disciplinas, buscando a realidade vivenciada do aluno e da aluna.

Frisamos aqui, a nossa área das licenciaturas, as experiências e às aulas voltadas a essa temática no espaço escolar. Pois há ainda uma questão importante que se levanta para o professor e a professora de História: de que maneira entender o passado, buscando interpretá-lo da forma mais adequada possível? Faz-se necessário, como um primeiro

⁵ A interdisciplinaridade busca, sobretudo, um ensino que concilie diferentes conceitos, de diferentes áreas. Desse modo, pode-se substituir a fragmentação pela interação, permitindo que o aluno e a aluna aprenda a relacionar conceitos e, conseqüentemente, construa novos conhecimentos, com muito mais autonomia e criatividade (Brodbeck, 2012).

passo, que o docente adquira a consciência do próprio modo de perceber o passado. Ao analisar o passado deve-se evitar o anacronismo, que ocorre quando buscamos entender o passado a partir dos mesmos valores e critérios com os quais interpretamos o presente.

É fundamental, também, que se considere que o aluno e a aluna já têm certos saberes acerca de alguns dos conteúdos de História, que foram elaborados no seu convívio familiar, social e escolar. Entendemos que na maior parte das vezes, esses conhecimentos não estão sistematizados, mas é a partir deles que os alunos(as) podem reformular conceitos e conhecimentos, por meio da incorporação de novos conhecimentos àqueles já adquiridos, buscando aperfeiçoamento, aquisição e descoberta de habilidades.

Dito isso, os docentes devem sempre procurar transpor as questões abordadas em sala de aula, com a realidade dos alunos, considerando os conhecimentos deles como uma contribuição para o estudo dos temas trabalhados. Logo, o exercício da concentração e autonomia em atividades individuais, a participação ativa nas atividades coletivas e atenção em explanações orais dos colegas compõem também requisitos importantes a serem alcançados.

Sendo assim, a escola deve buscar viabilizar, socializar e sistematizar os conhecimentos do aluno, ampliando suas potencialidades de manejo e aquisição do saber elaborado, possibilitando o estabelecimento da relação entre as estruturas econômicas, políticas e culturais da sociedade em que está inserido. Pois, a aprendizagem em História, assim como em outras áreas do conhecimento, passa pela construção e pelo domínio de conceitos que vão se formando, se ampliando e ganhando novos significados numa relação dinâmica com outros conceitos e processos históricos.

É necessário destacar que o registro da experiência histórica do aluno ganha significado se for articulado com o registro da história ou da experiência coletiva, de outros grupos, outros segmentos, outras sociedades e civilizações, e nelas inserido. Nesse sentido, o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares possibilita a rejeição da chancela da memória nacional como memória coletiva única (Schmidt, 2010).

Esse princípio coloca uma questão que poderá ser mais bem respondida ao se propor um trabalho com a oralidade. O trabalho com a história oral diz respeito, sobretudo, a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais. Essas fontes registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade. De modo geral, as fontes orais dividem-se em histórias orais de vida, ou relatos orais de vida, e depoimentos orais, tendo em vista que já abordamos isto criteriosamente neste trabalho.

Algumas perspectivas do trabalho com a história oral têm levado ao entendimento de que a utilização de fontes orais constituiria uma reação às explicações globalizantes, apoiadas somente em documentos escritos. Trata-se de um mito, pois podem-se trabalhar os depoimentos pessoais com base na escolha de temas comuns consultados em diferentes fontes, procurando explorar os conteúdos sem desvinculá-los das categorias mais amplas das estruturas social, econômica e política.

O ensino de História, ao transpor ou recriar a metodologia da história oral, pode fazê-lo por meio de projetos, como nos auxilia Maria Auxiliadora Schmidt:

- autobiografias orais;
- entrevistas com pessoas da comunidade;
- história oral da localidade;
- livro de recordações;
- investigação da origem de nomes dos espaços locais;
- história oral da escola;
- história oral de construções locais;
- história oral de pessoas idosas da localidade;
- história oral de pessoas idosas com base em uma temática;
- história oral de pessoas idosas, com o objetivo de recuperar a cronologia de fatos da localidade;
- história oral do aluno;
- história oral de pessoas originais que vivem na localidade;
- história oral de famílias (genealogias familiares, arquivos familiares, história oral e fotografias históricas);
- história oral da indústria local;
- história oral das mulheres, dos migrantes, dos imigrantes;
- história oral de um acontecimento local importante (Schmidt, 2010, p. 164).

A opção pelo trabalho com a História Oral no ensino de História exige certos cuidados, como a preocupação com a especificidade da entrevista e com a relação entrevistador-entrevistado. Ademais, é importante que o estudante conheça o significado de História Oral para a história de sua gente.

Optamos por encerrar esta seção de forma contribuidora para os docentes – ou leitores no geral – que pretendem utilizar esse método em suas aulas e/ou pesquisas. Deixaremos abaixo sugestões sobre tipos de pesquisa de História oral no âmbito escolar, objetos a serem estudados pela História Oral no ensino de História e cuidados com o uso da História Oral no ensino de História.

1. Tipos de pesquisa de História Oral no âmbito escolar: elaboração de histórias de vida de pessoas pouco familiarizadas com a cultura escrita; resgate de tradições orais (ditados, histórias, orações, mezinhas, canções, receitas culinárias e brincadeiras, entre outras); caracterização de atividades tradicionais (artesanato e técnicas de trabalho, por

exemplo); e abordagens das práticas de vida cotidiana (alimentação, vestuário, lazer e espaços de sociabilidade, entre outras). Pesquisas que abordam a especificidade da integração do individual na história local ou regional, na história social (associações, sindicatos, ciclos de vida e classes sociais, por exemplo); na história institucional ou política (personalidades e empresas, por exemplo); na história econômica (produção, circulação e consumo de mercadorias); na história das mentalidades e das ideias e na história das artes.

2. Objetos a serem estudados pela História Oral no ensino de História: práticas materiais (história de livros e leituras, de brinquedos, de jogos, de festividades, de formas de entretenimento, de castigos, entre outras). Namoro; casamento; papel da mulher; significado da infância, dentre outros. Profissões (que desaparecerem ou estão em vias desaparecer ou de sofrer transformação radical); tipos de profissão, como pescador e sapateiro; comportamentos (atitudes perante o nascimento e a morte, por exemplo). Estudo de crenças ou representações sobre a morte; as superstições, os amuletos e as devoções; educação escolar; família; trabalho. Estudo de instituições (escola, clube, banda de música, jornal e confrarias, por exemplo).

3. Cuidados como uso da História Oral no ensino da História: planejar o trabalho a ser desenvolvido: definir os objetivos, verificar os recursos disponíveis e selecionar as estratégias a serem adotadas; definir a metodologia a ser empregada: as regras para os trabalhadores individuais ou em grupo devem ser estabelecidas com antecedência; a pesquisa bibliográfica sobre o tema deve anteceder o recolhimento oral de informações; selecionar o público-alvo ou escolher os entrevistados; elaborar roteiro de entrevistas; as fichas de entrevistas podem conter informações genéricas, como nome do entrevistado, data de nascimento, lugar onde mora, profissão, autorização para publicação das informações, data da entrevista, registro do texto, nome do entrevistado e local da entrevista; testar o roteiro da entrevista e corrigir o que for necessário; recolher os dados pesquisados e organizá-los; elaborar reflexão baseada na análise dos dados; divulgar os resultados da pesquisa e essa divulgação pode ser feita com atividades como produção de texto, exposição e realização de vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num mundo materialista, a oralidade resgata, para os jovens do século XXI, a tradição humanística. Com as questões das tradições orais, culturais e vivências cada vez

mais sendo abordadas nos campos acadêmicos, por que não observar o passado e trajetórias ancestrais junto com os alunos e as alunas? Nos dias de hoje, em que os avanços da cidadania convivem com violações terríveis dos direitos humanos, que tal tratar desses temas e oportunizar os relatos dos discentes em sala de aula?

Desta maneira, a busca pelo passado e tradições são elementos importantes para compreendermos o nosso presente e futuro, como são e será moldado as perspectivas históricas. A utilização da metodologia da História Oral é a busca por esse resgate de fontes as quais complementa a nossas próprias identidades, memórias e historiografia, proporcionando diferenças e semelhanças com outros grupos que possam ser semelhantes ao nosso.

Compartilhar diversas histórias significa dividir conhecimento, sendo a sala de aula um elemento constituinte para a aprendermos os significados alheios e entender a voz do outro. Refletir e dar espaço para que os alunos tenham maior visibilidade a partir das suas subjetividades que carregam é abrir caminhos para novas histórias e repartir sabedoria na sua própria escola.

Sendo uma metodologia humanizadora, a História Oral abre espaço para que pessoas as quais não o tiveram jamais sejam silenciadas. Nossa história não parte apenas dos livros didáticos, mas sim, fora deles o campo é em demasia. Como pesquisadores dessa área, devemos nos primar de técnicas que deverá abranger uma grande parte da população que não tem vez em uma sociedade que busca por padrões inimagináveis e que não faz parte da nossa própria história. Como docentes, devemos dar espaço aos nossos discentes para que eles tenham visibilidade e mostrem a partir das suas vivências, suas singularidades, ampliando a nossa visão de mundo que nos é tão vasta e múltipla.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O fascínio do vivido ou o que atrai na História Oral**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2003.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. Ensino de quinta a oitava séries.**



BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental. História e Geografia/Orientações didáticas.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Ensino de primeira à quarta série.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história:** metodologia de ensino da História. Curitiba: Base Editorial, 2012.

FERRERIA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas:** abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História:** reflexão e ensino. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

JOUTARD, P. Esas voces que nos llegan del pasado. Trad. Pasternac, N. 2ª Ed. Fondo de Cultura Económica, 1999.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** São Paulo: Educ, 1998.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos,** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

SALIBA, Maurício Gonçalves. **A educação como disfarce e vigilância:** análise das estratégias de aplicação de medidas sócio-educativas a jovens infratores. 2006. 151 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, v. 21, 2010.